



O CÂNCER INFANTIL E A HOSPITALIZAÇÃO: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PSICOLÓGICA SOBRE A PROMOÇÃO DA AUTONOMIA E FORTALECIMENTO DO VÍNCULO CUIDADOR-PACIENTE ATRAVÉS DO LÚDICO.

Eixo Horizontal: EH7: CONFIGURAÇÕES FAMILIARES

Eixo Vertical: EV1: PRÁTICAS PROFISSIONAIS

Ester Siqueira Romão Araújo ; Otovanilda Umbelina de Carvalho Góis; Rebeca Posternak; Suellen Karine do Nascimento Conserva ; Eliane Nóbrega Albuquerque ; Thais Ferreira Pedrosa ; Ana Paula Amaral Pedrosa ;

O câncer pediátrico, dado o seu estigma de morte e o mal-estar oriundo do tratamento, ainda configura uma situação de medo e angústia aos envolvidos¹. O adoecimento intensifica o laço afetivo de apego da mãe com o filho. A mãe se atribui o dever de desenvolver ações superprotetoras buscando amenizar o sofrimento do filho¹. A alteração no modo de lidar com a criança com câncer, muitas vezes, é resultado de um quadro típico de superproteção. Os pais, diante da doença e da percepção do sofrimento da criança, apresentam dificuldades na forma de lidar com o filho². Nas vivências da Prática em Psicologia Hospitalar no setor de Oncologia Pediátrica de um Hospital de referência em Recife, que através de uma equipe multidisciplinar atende a pacientes diagnosticados com câncer, entre 0 e 18 anos de idade, é possível identificar uma postura superprotetora por parte de alguns acompanhantes, os quais acabam restringindo o convívio social, brincadeiras e até mesmo a saída do leito, interferindo na autonomia da criança enquanto sujeito. O atendimento psicológico hospitalar é realizado numa situação especial e tem como objetivo principal a minimização do sofrimento provocado pela internação³. Ressalta-se a relevância de uma intervenção psicoeducativa, através de recursos lúdicos, buscando trabalhar o enfrentamento da hospitalização e desconstrução de estereótipos sobre o câncer, em enfermarias de oncopediatria, com vistas à promoção da autonomia e vínculo cuidador-paciente. A metodologia de problematização do Arco de Maguerz, consiste em cinco etapas: a observação da realidade e a identificação do problema, os postos-chave, a teorização, as hipóteses de solução e a aplicação à realidade⁴. A partir dessa perspectiva que se apoia nas vivências e articulações teóricas, propõe-se a apresentação de uma peça com três fantoches (um paciente com câncer de seis anos de idade, sua mãe e uma psicóloga), descrevendo situações corriqueiras que envolvem pacientes e cuidadores durante o enfrentamento do câncer, tais como superproteção, medos, autonomia da criança e vínculo cuidador-paciente. Tal atividade tem como objetivo possibilitar a identificação com as circunstâncias apresentadas pelos personagens, suscitando a ressignificação de estereótipos acerca do câncer. A etapa seguinte consiste na apresentação de uma bailarina, ao som da música "Aquarela", para através da arte acessar o imaginário infantil e tocar com suavidade as emoções, mediando a continuação desse clima afetivo a fim de que pacientes e cuidadores, juntos, se expressem sobre uma mesma tela. Para finalizar, os participantes voltam aos seus quartos e recomenda-se uma visita leito a leito para um momento de feedback. Através das vivências é possível perceber variadas formas de vínculo entre cuidador-paciente, bem como os estereótipos acompanhados pelo câncer, resultando na superproteção, tendo como consequência o enfraquecimento da autonomia do paciente. O lúdico mostra-se uma ferramenta valiosa possibilitando a ressignificação de estereótipos, contribuindo para o fortalecimento de vínculos, valorização da autonomia, expressão de sentimentos e reflexão sobre o cuidado e proteção. A metodologia foi fundamental permitindo um olhar a partir da realidade e aprofundamento teórico, desaguando em uma intervenção criativa para melhor compreender a tríade saúde, doença e hospitalização.